



RESENHA

VOZ: A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA PUC-SP

Edmée Brandi

Dissertando sobre a voz

Ferreira, Léslie Piccolotto (org.)

Carapicuíba, Pro-Fono, Série Interfaces, vol.2, 1998

A professora fonoaudióloga Léslie Piccolotto Ferreira é digna de louvores, não só por seus trabalhos na área de voz, mas muito por seu construtivo empenho de orientação, coordenação e publicação de pesquisas e dissertações, cuja importância para o estudo, em língua portuguesa, das múltiplas implicações da voz não só no relacionamento, mas no próprio desenvolvimento do ser humano, é indiscutível.

Distúrbios da Comunicação, São Paulo, 10(1):133-138, dez. 1998

Destaco em particular *Dissertando sobre voz*, organizado em duas partes, cada uma com temática própria, rico de informações preciosas para a clínica fonoaudiológica, mesmo porque a revisão da literatura, em todos os trabalhos, caracteriza-se pela forma enxuta, concisa e atualizada. Pude apreciar:

Parte I - O fonoaudiólogo e os profissionais da voz

Capítulo 1. “Voz profissional: o operador de telemarketing”, por Maria Juliana Amatuzzi de Oliveira Agodoal. O estudo tem por objetivo caracterizar os aspectos vocais e outros envolvidos nessa dinâmica profissional. Alguns dados da revisão da literatura sobre o assunto, vale lembrar: 1) a prática de entrevistas pelo telefone para observar timbre, volume e modulação da voz, além da velocidade da fala e a dicção; 2) as informações teóricas e de higiene vocal, bem como a orientação sobre relaxamento e respiração na fonação. No entanto, como conclui Agodoal, tudo fica dentro de uma orientação muito tecnológica, faltando o indispensável aspecto humano envolvido no trabalho. Dentre os resultados do questionário, ressalto: 1) os profissionais informam terem recebido instruções quanto ao produto, ao atendimento e ao comportamento pessoal, mas quase nenhum treinamento vocal ou conhecimento de higiene vocal; 2) A maioria considera como voz ideal a clara, confiante e firme. Das conclusões de Agodoal, ressalto a seguinte reflexão: Sabendo-se que a voz reflete a personalidade, como fica essa voz, entre a espontaneidade necessária à boa comunicação e a incorporação das normas preestabelecidas pela empresa. Eu acrescentaria ainda: Como será detectada pelo ouvinte, ao telefone, essa voz sem gosto nem expressão corporal e fisionômica?

Capítulo 2. “Caracterização de um grupo de cantores da noite: um enfoque fonoaudiológico”, escrito por Marta Assumpção de Andrade e Silva. Da revisão literária, saliento, por sua importância, um trecho de Sataloff: “A anatomia profissional da voz não está limitada à laringe porque praticamente todo o sistema corporal afeta a voz” (p. 36) e a observação de Segre, de que o cantor popular deve ter o cuidado fundamental de “adaptar as melodias às suas possibilidades vocais”, uma sábia recomendação de meu mestre Ulanowski, que

foi sempre minha orientação. Saliento também as várias referências ao fato de a voz *falada* ser dotada de muitas chaves para a solução de problemas de voz *cantada*. Dos resultados da pesquisa, confirmam-se a fadiga vocal, com vários casos de fenda fusiforme, e a quase nenhuma orientação eficiente de higiene vocal. Da conclusão, ressalto: 1) embora tanto a voz falada quanto a voz cantada sejam produzidas pelo mesmo aparato, as diferenças em termos de qualidade vocal podem ser muito grandes; 2) muitos comportamentos vocais exigidos pelo canto popular, embora não sejam necessariamente patológicos, podem ser identificados como *padrões de distúrbios específicos*.

Capítulo 3. “Estudo fonético-acústico comparativo do estilo oral de locutores radialistas”, escrito por Ana Lúcia N. de Farias Ramos. De acordo com as conclusões das pesquisas, o locutor, ao construir sua animação oral, reestrutura *temporalmente* sua fala, realizando principalmente *alongamentos* vocálicos e de fonemas fricativos, bem como enfatizando vocábulos em *exposição átona*, e as pausas, realizadas por *silêncio*, variação tonal, *alongamentos* ou vocalizações, apresentam-se não só em maior número, mas em distribuição variada. Faço questão de ressaltar que todos os elementos por mim destacados em itálico são característicos do conceito de *ritmo cronol*, já estudado no livro *Educação da voz falada* e um dos parâmetros das Escalas Brandi de Avaliação da Voz Falada. No que se refere à altura tonal, a pesquisadora percebe que se evidencia uma variação tonal mais ampla, num trabalho de animação que sugere clima alegre, descontraído; por outro lado, a tonalidade de voz ou mais aguda ou mais grave identifica o estilo vocal da emissora. É fácil dar-se conta do interesse das observações de Ramos. Devo dizer, porém, que não concordo com a autora, quando afirma: “a evidência de que o rearranjo de duração é uma marca de ênfase (...) aponta para a necessidade de se privilegiar o trabalho com a articulação” (p. 87). Em minha opinião, *ritmo acentual e cronol* é que deve ser privilegiado, envolvendo necessariamente o trabalho de *intensidade acentual, associado aos movimentos tonais de ênfase*. Em uma palavra: *os ritmos associados da fala*.

Capítulo 4. “Caracterização de um grupo de professores com alteração vocal”, de Cláudia Regina Jorge Fernandes. Ao pesquisar junto a professores

da pré-escola do município de Taboão da Serra, a autora apresenta aspectos relacionados às condições de produção vocal desses profissionais. Saliento nessa dissertação o trabalho de revisão da literatura; segundo afirmam vários autores, deveria haver certas exigências para ingresso na carreira docente.

Capítulo 5. “Crenças populares no tratamento das alterações vocais em profissionais da voz”, escrito por Izabel Cristina Viola. Pesquisa das mais originais e interessantes, poderia parecer apenas uma curiosidade, mas não o é. Na verdade, é comum o fonoaudiólogo ter uma certa dificuldade para fazer um bom trabalho ante clientes neurastênicos, ou executivos apressados, que querem porque querem uma pastilha ou outro remédio milagroso. No entanto, não se pode negar o efeito placebo de muitos desses recursos. Há ainda a considerar uma questão de constituição e personalidade. No meu tempo de cantora, era-me indispensável uns bons goles de água entre uma e outra das primeiras peças cantadas, o que, sem eliminar o efeito da adrenalina necessária ao sucesso do recital, amenizava a garganta seca causada pela própria hesitação. Já minha grande amiga, Magdalena Lébeis, uma das maiores cantoras cameristas que o Brasil já teve, costumava tomar uns goles de uísque para relaxar e iniciava o concerto com a voz sonora e firme, com andamentos lentos e em legato, enquanto que eu precisava iniciar sempre com músicas de movimento agitado.

Parte II - O fonoaudiólogo na clínica dos distúrbios da voz.

Esta parte apresenta dois capítulos, sobre avaliação e caracterização da voz dos deficientes auditivos, e um capítulo sobre parâmetros vocais.

Capítulo 6. “Avaliação de voz em deficientes auditivos: uma análise crítica”, escrito por Regina Helena Montanari Borges. Duas observações, logo na introdução, merecem menção. Uma sobre a interferência, na capacidade de avaliação, das opiniões, princípios e interesses próprios, além das experiências adquiridas anteriormente, mesmo no avaliador mais bem preparado, um fato indiscutível. Uma outra, digna de reflexão, refere-se ao enfoque no aproveitamento de audição residual, ao salientar que seria como “acreditar que a alteração de voz e/ou fala dessa criança não mereça uma atenção especial”. Só não

concordo com expressão “voz e/ou fala”. O conceito de *voz* inclui *voz falada*, *voz cantada*, *voz alaríngea* e o que mais de subdivisões possa haver. O conceito de “fala muda” eu não conheço. Os conceitos de *voz - fala - linguagem* estão ultrapassados. Ou se estuda a fala como voz articulada, ou se estuda a linguagem como fala: *voz falada*, *linguagem falada* (desta última decorrendo a linguagem *escrita*). Aproveito a oportunidade para comentar que a *especialização em voz* cria esse problema, porque, a rigor, trabalhar com a fala é trabalhar com a voz também e vice-versa: a melhora da voz acarreta, necessariamente, a melhora articulatória e esta a da voz. Não tem sentido separá-las. É por isso que sempre começo cuidando da voz, mesmo quando a queixa é “de fala”. No que se refere à metodologia adotada, saliento o cuidado em se valer de mais de um examinador (no caso, três), embora o fato de ter “no mínimo cinco anos de formadas” nem sempre signifique ter a tarimba necessária para fazer uma boa avaliação. Se considerarmos que as avaliações, por mais objetivas que sejam, passam sempre pelo filtro pessoal do examinador, torna-se importante, nessa escolha dos avaliadores, levar em conta suas tendências pessoais. Uma, A, por exemplo, tende mais a perceber problemas de nitidez articulatória e de motricidade oral; B tem mais facilidade para perceber o corpo em ação (postura, rigidez, respiração, etc.); C é mais apta a perceber as variações qualitativas de voz (cor, brilho, intensidade, altura tonal, etc.). Veja-se, por exemplo, à guisa de confirmação do que acabo de mostrar, a conclusão da autora, de que a avaliação mais precisa da segunda fonoaudióloga se deve, provavelmente, ao fato de ter maior experiência com voz. Daí a importância de uma *avaliação consensual*, que reúna os três examinadores para chegarem a um acordo e dirimirem suas possíveis discordâncias, omissões e incoerências. Por esse motivo, não é tanto o tamanho da amostra que importa, mas a escolha de uma amostra significativa. No caso do surdo, a dificuldade em obter fala espontânea é *fator que merece atenção especial*. Um avaliador bem orientado e com adequado treinamento para a *percepção auditiva da qualidade vocal* pode perceber, mesmo na sequenciação numérica, em que falta o fator expressivo da entonação, características tais como o contraste claro/escuro (o escuro indicando maior ressonância faríngea); nasal/oral (o nasal caracterizando uma voz mais empanada), etc. No entanto, é de

fato indispensável fazer o levantamento das *características da deficiência auditiva em sua influência sobre a emissão da voz falada*, uma vez que, faltando o *feedback* auditivo, é o *processo vocal básico* em si, ou seja, o processo de o corpo emitir voz, que deve contar para o surdo. No caso, como confirma a autora, não é mesmo a voz, como produção de som, que interessa, mas a “voz engajada na linguagem”. Por isso tudo, concordo com a autora quando diz que nada adianta uma avaliação do som gerado, “se essa voz não se faz presente como um instrumento de relação com o outro” e que “o trabalho com voz deve estar presente desde o início”, pois é tão importante quanto a linguagem, a leitura, a escrita e a própria audição (p.165). Essa é, aliás, em síntese, a conclusão que vamos encontrar no estudo do capítulo 7.

Capítulo 7. “Caracterização da voz dos surdos e fatores determinantes”, escrito por Elizabeth Franco. Conclusão da pesquisa: “Os aspectos vocais encontrados interferem significativamente na inteligibilidade da fala desses sujeitos...” (p. 200).

Capítulo 8. “Parâmetros vocais e configurações laríngeas na fonação, em casos de laringectomias parciais verticais”, escrito por Zuleica Antonia de Camargo. Trata-se de um belo estudo laringoestroboscópico, acústico e perceptivo-auditivo. Ao considerar a laringe como elemento transdutor de energia aerodinâmica, em acústica, foi possível uma análise do sinal sonoro emitido, “refletindo as dimensões de eventos acústicos em todo o trato vocal e não apenas no nível das pregas vocais...”, e as configurações laríngeas, no momento da fonação, foram enfocadas quanto às ações esfíncterica e vibratória, para melhor compreensão.

Em conclusão, devo agradecer a professora doutora Léslie Piccolotto Ferreira pela oportunidade de ler e apreciar os trabalhos apresentados, na certeza de que se constituem numa contribuição importantíssima para os estudos de voz em Fonoaudiologia.